

CADEIRA N.º 1

Patrono: Adolfo Caminha

Vaga: Falecimento de Sidney Neto

Recipiêndo: Fran Martins

Recipiendário: Sânzio de Azevedo

Data da posse: 11 de outubro de 1973

RAFAEL SÂNZIO DE AZEVEDO. Nasceu em Fortaleza, no dia 11 de fevereiro de 1938, filho de Otacílio de Azevedo e Teresa Almeida dt Azevedo. Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e do Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia da FUNEDUCE. Poeta, crítico literário e ensaísta. Publicou: *A Terra Antes do Homem* (1962); *Cantos da Longa Ausência* (1966); *Caminhos da Poesia* (1968); *Poesia de Todo o Tempo* (1970); *A Padaria Espiritual* (1970); *A Academia Francesa do Ceará* (1971); *O Centro Literário* (1972); *Literatura Cearense* (1976).

Fran Martins

Sempre que, nas Academias de Letras, tem ingresso um novo Acadêmico, há, por parte do público, um comentário sobre a escolha feita, pois, às vezes, o escolhido aparentemente se apresenta como um anti-Acadêmico, inajustado, portanto, à tradição dessas sociedades. Assim, grande foi o espanto quando, recentemente, a Academia Francesa escolheu Ionesco para um dos seus membros — Ionesco que é, no mundo do teatro, o oposto do teatro convencional francês, tão profundamente ligado à tradição de Molière e de Racine que ainda hoje esses clássicos constituem permanente cartaz e sucesso seguro nas temporadas anuais. Como espanto causou, também, entre nós, a escolha unânime de Jorge Amado

para a Academia Brasileira de Letras, conhecida de todos a posição anti-tradicional de Jorge Amado dentro da novelística brasileira.

É que o grande público confunde, quase sempre, Academia com tradição. E ignora que essas sociedades, como todas as instituições no mundo atual, muito evoluíram na apreciação de conceitos e, num processo natural de adaptação, passaram, sem deixar de render homenagens ao tradicional, a assumir nova posição no mundo da cultura, com aberturas para as mais variadas manifestações da arte de escrever, sem preferências de gêneros ou de escolas, antes encarando o que de positivo, dentro dessa arte, traz à instituição o novo Acadêmico.

Aqui mesmo, na nossa Academia, temos exemplos vivos dessa nova atitude. Aqui foram, há pouco, recebidos, com as honras que realmente merecem, cronistas que souberam mostrar que a crônica é gênero tão nobre quanto os demais gêneros literários. Aqui foi recebido, não faz muito, um romancista diferente, Durval Aires, misto de repórter e ficcionista, que inaugurou entre nós o romance-reportagem, uma ficção que foge a todo o convencionalismo, mas que nem por isso deixa de ser boa, excelente literatura. Uma literatura filha do fim de século em que vivemos, capaz de elevar a arte de escrever, que faz de Truman Capote e de Durval Aires escritores com a mesma força de comunicação que os que mais se destacaram no romance tradicional, através de suas múltiplas manifestações — romance psicológico, romance de costumes, romance social, estória inventada, enfim.

Desse modo, ao escolher para o seu seio figuras representativas do mundo cultural, o que as Academias, o que esta Academia em particular leva em conta no candidato é o aspecto positivo de sua obra. Um aspecto muito valioso para a própria existência da Academia, que mostra a sua permanência no mundo atual, uma vez que as Academias deixaram de ser arquivos de poetas e prosadores aposentados para congregar inteligências inconformadas, cuja característica maior é justamente essa inconformação. Inconformação que, em úl-

tima análise, mostra que as Academias, hoje, não são os ambientes naturais daqueles que já se julgam plenamente realizados (e portanto sem nenhuma contribuição a mais a dar às letras) mas sim ambientes próprios para os que encaram a atividade literária como uma verdadeira *atividade*, uma procura constante de novos meios de expressão e comunicação na difícil arte de escrever.

No meu entender, representando o ingresso na Academia uma consagração para o escritor, não é, contudo, a consagração final. Essa certamente só poderá ser reconhecida quando o escritor deixar de existir, momento em que é possível fazer uma avaliação definitiva de sua obra. Enquanto estiver vivo, o escritor estará ligado à sua obra. O que representa aquela consagração a que acima aludi para o escritor que é recebido nas Academias é que a apreciação parcial do que já produziu mereceu a admiração dos que o julgaram digno de pertencer ao sodalício. Porque, no meu entender, Academia não significa instituto de aposentadoria das letras.

Foi tomando por base essas concepções muito pessoais que me rejubilei com a escolha de Sânzio de Azevedo para esta Casa. O que, até agora, ele já produziu, o credencia a ocupar, com justiça, uma das nossas cadeiras. O que dele ainda esperamos certamente irá mostrar que o seu espírito inconformado continuará, por muitos anos, na realização de uma obra que cada dia mais se solidificará, para a alegria de todos os seus leitores e para a grandeza das letras cearenses.

O que Sânzio de Azevedo traz de positivo para a Academia Cearense de Letras é, antes de tudo, uma obra variada, que prima pela seriedade. Numa visão global dessa obra nota-se que existe uma acentuada preocupação do escritor com o passado. Seja no momento em que se dedica à divulgação científica, seja na sua criação poética, seja nas pesquisas literárias, o passado, o acontecido, o realizado é uma constante a servir de base às manifestações do escritor.

Mas esse olhar sempre voltado para o que existiu não faz de Sânzio de Azevedo um mero saudosista. Pelo contrá-

rio — e aí, no meu entender, um fato marcante na obra do escritor — ele se utiliza do passado pura e simplesmente para, com os elementos por esse fornecidos, poder projetar o futuro. Daí, no ponto mais alto de sua obra, que é a investigação literária, não se poder considerar Sânzio de Azevedo um simples pesquisador, a descobrir fatos antes não percebidos pelos outros ou a reconstituir situações até então duvidosas. Ao lado disso, e muito mais importante, está o aspecto construtivo da pesquisa, o novo rumo apontado pelo escritor como consequência daquilo que foi estudado.

Nesse sentido, é de inestimável valor a obra de Sânzio de Azevedo, especialmente naquela parte a que ele tem dado mais ênfase, a investigação literária. Obra ainda em desenvolvimento, a que o autor certamente dará continuação nos anos vindouros, já hoje representa uma séria contribuição para a nossa literatura, ajudando-nos a, conhecendo melhor o que foi realizado, conceber novos caminhos para o grande mundo, a todos nós aberto, da arte literária.

Dissemos que a preocupação com o passado é uma constante na obra multiforme de Sânzio de Azevedo. Realmente, já no seu primeiro livro encontramos essa orientação que talvez não fosse sequer presentida pelo escritor.

De fato, começou Sânzio de Azevedo a sua brilhante carreira de autor com um livro de divulgação científica em que focaliza o mundo pré-histórico com toda aquela fauna extraordinária pelo seu primitivismo e pela sua grandeza. Vemos, em *A Terra Antes do Homem*, um mundo em formação, onde aos poucos vão surgindo plantas, répteis, mamíferos que se avantajam e se combatem, numa luta em que os mais fracos teriam forçosamente que sucumbir. E os primeiros dias da terra são reconstituídos de maneira admirável, os vários períodos da formação são apresentados numa linguagem viva mas compreensível porque a finalidade do livro era justamente essa: elucidar, no dizer do próprio autor, o fenômeno paleontológico para todos os que “desejam um esboço geral e sucinto dessa aventura que nos conta a ciência dos fósseis”.

Obra mais de divulgação do que de pura crítica das teorias científicas que tentam justificar o aparecimento do homem na Terra, o livro de Sânzio de Azevedo estava destinado, como disse o seu prefaciador, Prof. Flávio Pereira, a enriquecer “as letras brasileiras, tão necessitadas de bons trabalhos que fundamentam os conhecimentos modernos”. E note-se que, ao publicá-lo, contava Sânzio de Azevedo com apenas 24 anos — idade em que, em geral, os moços não se voltam para os estudos sérios. Mas o escritor, nesse livro de estréia, já demonstra ser possuidor de um forte lastro de conhecimentos científicos, dominando os meandros de umas das mais encantadoras e também das mais áridas das ciências, a paleontologia. Do mundo que ele nos recompõe, dos ensinamentos que nos transmite, do passeio retrospectivo a que nos conduz, uma lição final é apontada:

“... comparando-se a exigüidade do tempo geológico ocupado pela espécie humana propriamente dita com toda a vida passada, fica-nos claro... que a evolução não pode ter parado, como se houvesse um coroamento final. A evolução continuará, enquanto houver vida sobre a terra. O aperfeiçoamento de uma espécie e a extinção de outras está-se processando hoje como há milhões de anos.

“O estudo do passado, longe de nos dar um imenso orgulho do domínio de nossa espécie, deve-nos dar uma sensação contemplativa cheia de pura e autêntica humildade, porque compreendemos quão efêmero será esse domínio.”

Mas não se pense que um moço que, aos 24 anos, estréia nos livros fazendo especulação científica tenha o seu espírito voltado apenas para a aridez da ciência. Na realidade, há na obra de Sânzio de Azevedo uma multiplicidade de aspectos que denota a inquietação interior que o leva sempre à procura de novos caminhos.

E assim vemos o jovem estudioso da ciência se voltar para o lado ameno da poesia. A escolha desse caminho, aliás, era natural e mesmo esperada. Filho de um poeta consagrado, Otacílio de Azevedo, que muito nos honra em pertencer a esta Casa e que hoje deve estar justamente orgulhoso por ver o

filho sentar-se ao lado não apenas como filho mas como seu par — certamente desde a infância os seus ouvidos se habituaram a ouvir versos e o seu espírito a ser dominado pela poesia. Assim, não se pode dizer que a poesia o atraiu pois, na verdade, já era ela parte de sua vida. E a exteriorização desse sentimento começou cedo a manifestar-se, até se cristalizar, em 1966, quando lançou o seu primeiro livro de poemas, *Cantos da Longa Ausência*.

Aqui também a obsessão do passado se manifesta a cada passo. A maioria dos poemas desse livro tem como motivo recordações do passado, da infância, da vida perdida; até mesmo uma parte especial foi denominada “Poemas de Ontem”. O poeta quase sempre se mostra desarvorado no novo mundo em que penetrou e nas suas angústias recorre ao passado, talvez na procura de uma solução para as suas dúvidas. Emigrando da cidade natal para um ambiente diferente, nos entrechoques naturais da adaptação o passado lhe aparece como um paraíso perdido onde, sem que o soubesse, estava a sua felicidade.

Mas a verdade é que não é apenas de recordação a poesia de Sâncio de Azevedo. Muito de sonho existe nos seus versos, muito de arte nos poemas que escreveu. A mensagem de amor e de rebeldia se revela em vários dos seus poemas, muito embora o poeta confesse que

*“Talvez em outro tempo eu tenha sido
um desgraçado poeta incompreendido
cujas mágoas calou por timidez...
e que, liberto, desabafa tudo
o que ocultou, por tantos anos mudo,
fazendo agora os versos que não fez.”*

Já poetas como Guilherme de Almeida e ensaistas como Fernando Jorge assinalaram a predileção que tem Sâncio de Azevedo pelo soneto, sem dúvida, na forma, a mais difícil das manifestações poéticas. “Sonetista exímio”, “virtuoso da poe-

sia clássica”, chama-lhe Fernando Jorge; ao que o próprio poeta, como a justificar humildemente a sua predileção, confessa:

*“Dizem-me: “O estilo em que tens trabalhado
teus poemas já morreu. É bem diverso
o canto novo. É a marcha do Universo!
Teu modo de escrever foi superado!”
Que hei de fazer? Bem vejo quão mudado
o verso está; mas em meu sonho imerso
continuo a escrever, e do meu verso
ressuma sempre um sopro do passado.”*

Pois desse sopro do passado — característica, como acentuamos, de sua obra e, portanto, de sua poesia — Sânzio de Azevedo, espírito construtivo que é, tira efeitos surpreendentes e reveladores de uma revitalização da forma pelo tratamento novo do assunto. Se, na época em que estreou, ainda dizia

*“já que buscas um sonho e não alcanças,
pastor de enganos, cala a tua avena!”*

ria realidade, na poesia posterior, viu ele muito bem que calar não era a solução. Daí nos oferecer pequeninas obras-primas como este “Soneto” de imensa mensagem e eterna poesia:

*“Eu sou aquele que não forja o barco
sem de água pressentir o indício ao menos.
Longe outros levem do seu reino o marco;
fico nos meus domínios mui pequenos. . .
Mostrou-me o tempo os dedos multicores
e me tomou as mãos. Desde esse dia
eu sou aquele que procura as flores*

*onde somente as encontrar podia.
Sem me forçar, eu sou. Daí, meu canto,
nem tanta vez agreste nem sonoro,
brilhar espadas fulvas quando canto,
e arrebanhar penumbras quando choro.
Eu sou aquela a quem lhe basta o sesmo
do exíguo território de si mesmo."*

Aqui o poeta atinge a plena maturidade. Ao declarar "*Sem me forçar, eu sou*", na realidade se afirma, quebra os laços com o passado, perde a timidez, procura bastar-se a si mesmo. E com esse romper de cadeias, com essa libertação, essa consciência das forças que possui, sua poesia se engrandece, tornando-o, na verdade, um dos poetas mais destacados da moderna geração dos poetas brasileiros.

Tem sido, entretanto, no campo da investigação literária que Sânzio de Azevedo se há mais destacado. Conhecedor profundo da produção literária brasileira, especialmente no campo da poesia, vocação inata para a pesquisa, não poderia deixar de levar o seu espírito inconformista ao estudo dos problemas literários. Daí os seus ensaios sobre o "trímeter bilaquiano", sobre "a busca da perfeição" na poesia parnasiana, sobre a poesia de Gonçalves Dias, "sobre o alexandrino dos simbolistas", sobre a "diérese e o parnasianismo", sobre os "primeiros versos" de alguns consagrados poetas brasileiros. Esses ensaios reuniu-os ele em volume, acrescido de um em que estuda os *Caminhos da Poesia*, título com que batizou a obra.

Esse livro, que mereceu com justiça o prêmio de ensaio e crítica, de 1967, desta Academia, nos revela um escritor de imenso conhecimento da literatura poética no Brasil, conhecimento que lhe possibilita o estudo, com intensa precisão, de fatos ligados à criação e manifestação dos nossos maiores poetas. É, assim, um trabalho de analista, de dissecador, diríamos quase um trabalho científico, em que se deve ver não apenas o método, os instrumentos e a perícia do analista mas, igualmente, as conseqüências da análise. Desmonta Sânzio de

Azevedo, nos seus estudos de exegese, estruturas sólidas da nossa poesia; mas desse trabalho nos fica a lição de que, mesmo depois de tais dissecações, a poesia continua viva nas obras dissecadas, como o cientista desmonta o átomo para mostrar que no fundo existe a energia.

Dentro desse mesmo sentido deu-nos Sânzio de Azevedo, em 1968, uma série de estudos intitulada *Poesia de Todo o Tempo*. Aqui se encontram ensaios, como sempre, meticolosos, alicerçados na pujante cultura do autor, sobre a poesia de Lívio Barreto, de Júlio Maciel, de Augusto dos Anjos, de Camões e de Basílio da Gama, além de um estudo sobre o soneto moderno, ou seja, o soneto praticado por alguns poetas modernistas brasileiros. Nesse ensaio Sânzio de Azevedo mostra a reabilitação do soneto pelos poetas atuais, “não — esclarece — o soneto barroco, nem romântico, nem parnasiano — mas moderno”. E acrescenta: “Nem poderia ser de outra forma, pois outros são os tempos. . . e tudo o mais renova, isto *he sem cura*, como escreveu o introdutor do soneto do nosso idioma.”

Finalmente, ainda demonstrando o seu pendor para a investigação literária, deu-nos Sânzio de Azevedo retrospecto sobre *A Padaria Espiritual*, *A Academia Francesa do Ceará* e *O Centro Literário*, publicados pela Casa de José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará, numa feliz iniciativa de levar ao conhecimento de todos o que de melhor tivemos em nosso passado literário. E nos deu ainda um profundo estudo introdutório para a edição de *Dolentes*, de Lívio Barreto, feita pela Secretaria de Cultura do Estado, numa coleção dirigida pelo também grande investigador e crítico Braga Montenegro, estudo em que, com a proficiência de sempre, focaliza Lívio Barreto e o simbolismo no Ceará.

Sânzio de Azevedo:

Desnecessário seria, talvez, referir-me à sua obra, no momento de sua posse na Academia Cearense de Letras, pois ela, decerto, é por demais conhecida dos seus novos pares. Eu não poderia, entretanto, limitar minha presença nesta festiva reunião a um “seja bem-vindo” protocolar e talvez redun-

dante já que, se o escolhemos para ocupar uma Cadeira nesta Casa, é porque o julgamos merecedor de figurar entre aqueles que hoje compõem a Academia Cearense de Letras.

Foi, assim, para mim, uma oportunidade feliz a de poder me exprimir, embora rapidamente, sobre a sua obra, tal como a vejo. Ali falou o seu leitor, amigo e admirador; agora fala o representante da Academia, a dizer-lhe que para nós é uma grande satisfação poder contá-lo entre os membros efetivos desta Casa e que sua presença entre nós é motivo de grande júbilo porque sabemos de sua dedicação às cousas do espírito e reconhecemos o seu valor.

A Casa, agora, é tanto nossa, como sua. Entre sem sobresso e sem timidez, na certeza de que sua companhia só nos dá uma grande, imensa alegria.